



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 3, N. 4, setembro/2022



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 3, N. 4, setembro/2022

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas – UNIFOR

Prof. Felipe Bezerra dos Santos

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza – Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção

do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 26ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião do Economista e professor do curso de Ciências Econômicas da UNIFOR, Felipe Albuquerque Sobral e Silva, intitulado “**A responsabilidade social e o mercado financeiro - o índice ESG**”. Na sequência da presente edição o leitor encontrará um panorama sobre a economia internacional e nacional com projeções do PIB das principais economias para o biênio 2022-2023; o comportamento da taxa de câmbio, da Selic, da inflação e do mercado de trabalho. Destaque especial no presente documento para as previsões elaboradas para o PIB do Brasil e do Ceará para os anos de 2022 e 2023 em três cenários possíveis: pessimista, provável e otimista. A última seção do Boletim apresenta a evolução das ações das empresas cearenses listadas em bolsas de valores, medida pelo **Índice de Ações Cearenses - IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR**.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

A responsabilidade social e o mercado financeiro - o índice ESG.

Felipe Albuquerque Sobral e Silva¹

O tema responsabilidade social tem sido amplamente debatido nos últimos anos, tanto no Brasil como no mundo e tanto por empresas privadas, exemplos a BlackRock, Inc. e a Natura, que figuram em rankings internacionais de incentivo a diversidade, como por governos.

Quando somamos ao tema de responsabilidade social a economia é sonante o termo ESG, ou ASG em bom português, em referência a Ambiental, Social e Governança. Trata-se de uma tendência que é reflexo de um movimento que tem crescido ao longo das últimas décadas, em especial a partir dos anos 2000, fazendo frente a questões como mudanças climáticas, comportamentos empresariais éticos e incentivo à ambientes corporativos mais diversos.

Todos esses temas ligados a responsabilidade social se refletem também no mercado financeiro, seja por uma busca maior, por parte dos investidores, por ativos ligados a empresas socialmente responsáveis, seja por parte das empresas que buscam um diferencial de mercado ao se abraçarem as causas ESG, ou ASG'.

Desta forma, em 2005, a B3, bolsa de valores de São Paulo, criou o índice ESG (ISE B3), foi o quarto índice de sustentabilidade criado no mundo, com o intuito de refletir o retorno médio de uma carteira teórica de ações de empresas de capital aberto listadas na bolsa que incorporaram valores sustentáveis à pauta, na medida em que contribuem para a perenidade dos negócios. A mais recente carteira do ISE B3 foi anunciada em 01 de dezembro de 2021 e vigora no período de 03 de janeiro de 2022 a 30 de dezembro de 2022, tendo um total de 20 ativos dos mais diversos segmentos do mercado.

O índice serve de base para a confecção de uma série de produtos financeiros, como fundos de investimentos e ETF's. Segundo levantamento da consultoria ETFGI, a alocação de capital nessa categoria de fundos superou a marca de US\$ 370 bilhões em 2021, um salto de 84% em relação a 2020. No Brasil, o número de ETFs de ESGs oferecidos no mercado quadruplicou desde o início de 2020 e em março deste ano já era de 12, com patrimônio líquido total superior a R\$ 2,2 bilhões, de acordo com a B3.

O ESG é uma excelente métrica para o mercado financeiro medir as ações de responsabilidade social, em todos os âmbitos, das empresas listadas na bolsa e incentivar, cada vez mais, a adoção de práticas sustentáveis. Já no “lado real” da economia, no dia-a-dia, como nós consumidores podemos apoiar e incentivar o uso de práticas ESG nos mercados consumidores locais? Qual seu índice ESG?

CENÁRIO MUNDIAL

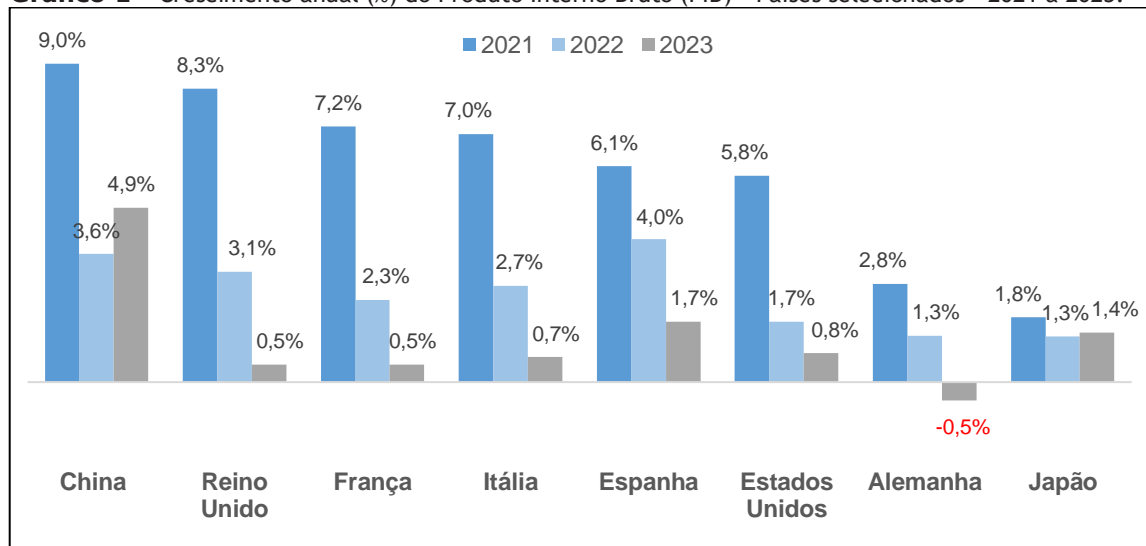
O crescimento do PIB das maiores economias do mundo está apresentando desaceleração em comparação ao ano 2021. A desaceleração reflete as incertezas geoeconômicas trazidas pelo conflito no Leste Europeu entre Rússia e Ucrânia como também as perspectivas de recessão nas economias europeias e nos Estados Unidos, bem como um crescimento na China abaixo de sua média histórica. As causas da desaceleração podem estar associadas com a utilização de políticas macroeconômicas contracionistas para frear um fenômeno inflacionário global, o encarecimento de insumos importados e paralizações da produção industrial chinesa decorrentes de suas políticas de lockdown.

O Gráfico 1 a seguir traz as previsões da Euromonitor para as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de algumas das maiores economias no mundo. Todas as grandes

¹ Economista e professor do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

economias devem apresentar uma taxa menor de crescimento em 2022 com relação a 2021. Já no ano de 2023 em comparação com 2022, o mesmo comportamento deve se manter, com exceções da China, no qual registra previsões de crescimento de 3,6% em 2022 e 4,9% em 2023, e do Japão, registrando crescimento de 1,3% em 2022 e 1,4% em 2023. A maior desaceleração de crescimento ocorre na Alemanha, onde há previsão de crescimento de 1,3% em 2022, enquanto em 2023 a previsão é de uma variação negativa de 0,5%, refletindo os impactos da guerra no seu abastecimento energético, o que será sentido no longo prazo com medidas de economia energética impactando diretamente a produção interna.

Gráfico 1 - Crescimento anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2021 a 2023.



Fonte: Euromonitor/Macro Model Euromonitor Baseline - Atualizado em 05/10/2022.

CENÁRIO NACIONAL

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no segundo trimestre de 2022, o produto interno bruto (PIB) cresceu 1,2% frente ao primeiro trimestre de 2022. O maior crescimento ocorreu na Indústria (2,2%), motivado pelo crescimento de 3,1% na atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos, além do crescimento de 2,7% na construção, 2,2% nas indústrias extrativas e 1,7% nas indústrias de transformação. Na comparação interanual o crescimento foi de 3,2%, com queda na agropecuária (-2,5%), no qual contribuíram negativamente para este resultado as estimativas de produção anual e perdas de produtividade da soja (-12,0%) e do arroz (-8,5%). Na mesma base de comparação, o valor adicionado dos serviços cresceu 4,5%, puxado pelas atividades outras atividades de serviços (13,6%) e transporte, armazenagem e correio (11,7%). Já no acumulado dos últimos quatro trimestres, registrou-se um crescimento de 2,6%, conforme o Quadro 1 abaixo.

Analisando os componentes do PIB na ótica da demanda, a despesa de consumo das famílias registrou um crescimento de 5,3%, na comparação com o segundo trimestre de 2021, o resultado positivo foi influenciado pelo crescimento real da massa salarial, além do aumento do crédito a pessoas físicas, do saque extraordinário do FGTS e da antecipação do décimo terceiro salário para aposentados e pensionistas do INSS. No setor externo, as exportações caíram 4,8%, explicada pela retração na agropecuária, extração de petróleo e gás, extração de minerais metálicos e derivados do petróleo. Já as Importações registraram queda de 1,1%, explicado principalmente pela redução nas compras de máquinas e aparelhos elétricos, metalurgia e extração de petróleo e gás.

Quadro 1 – Produto Interno Bruto e Componentes da Demanda - Brasil - 2º Trimestre de 2022.

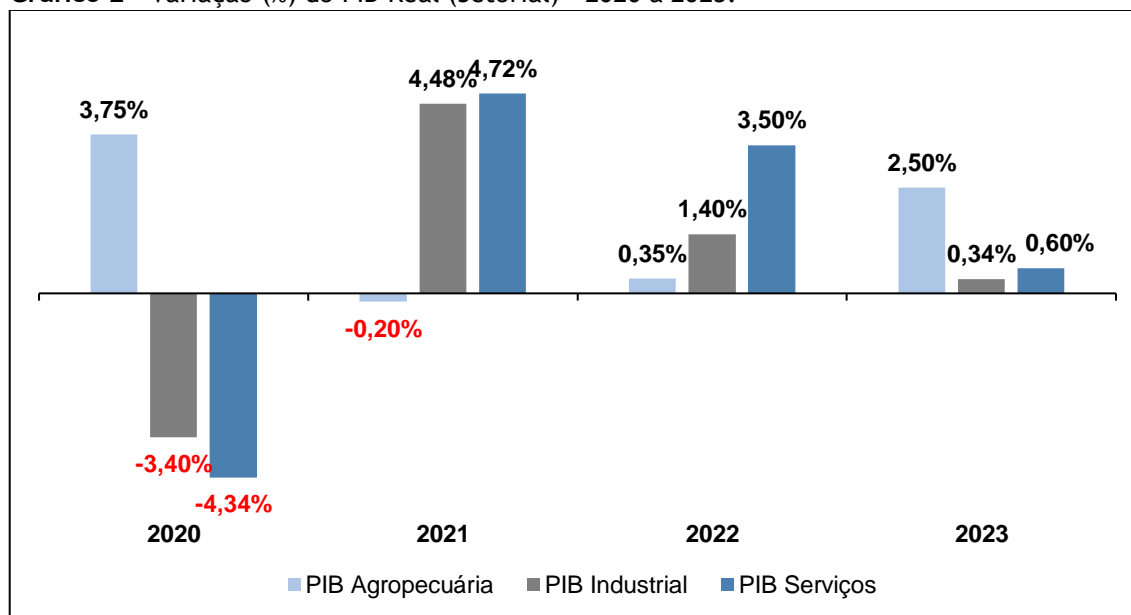
Período de Comparação	Indicadores								
	Ótica da Oferta			PIB	Ótica da Demanda				
	AGROP.	INDUS.	SERV.		FBCF	CONS. FAM.	CONS. GOV.	Export.	Import.
2º Trimestre de 2022/ 1º Trimestre de 2022 (%)	0,5%	2,2%	1,3%	1,2%	4,8%	2,6%	-0,9%	-2,5%	7,6%
2º Trimestre de 2022/ 2º Trimestre de 2021 (%)	-2,5%	1,9%	4,5%	3,2%	1,5%	5,3%	0,7%	-4,8%	-1,1%
Acumulado em quatro trimestres / mesmo período do ano anterior (sem ajuste sazonal)	-5,5%	0,1%	4,3%	2,6%	3,5%	3,4%	2,5%	2,3%	2,0%
Valores Correntes no 2º Trimestre de 2022 (R\$)	167,7 bilhões	475,5 bilhões	1,4 trilhão	2,4 trilhões	448,6 bilhões	1,5 trilhão	440,5 bilhões	510,7 bilhões	451,9 bilhões
Taxa de Investimento (FBCF/PIB) no 2º Trimestre de 2022 = 18,7%									

Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - IBGE. Elaboração Nupe/Unifor.

O Gráfico 2 mostra a variação percentual do PIB real do Brasil, no período de 2020 a 2023, por setores produtores da economia brasileira. Devido aos efeitos negativos causada pela pandemia da Covid-19 no ano de 2020, o PIB nos setores de serviços e industrial tiveram uma queda brusca de 4,34% e 3,40% respectivamente, porém o PIB do setor agrícola, obteve um crescimento de 3,75%. Com a redução das restrições sanitárias no ano de 2021, a partir do processo de vacinação, observou-se a retomada da atividade econômica brasileira, acarretando num aquecimento do PIB industrial (4,48%) e de serviços (4,72%).

Para o ano corrente de 2022, as previsões indicam crescimento para o PIB dos três setores, com a agropecuária crescendo 0,35%, indústria 1,40% e serviços 3,50%. Quanto ao ano de 2023, o PIB será puxado pelo setor agrícola, com previsão de crescimento de 2,50%, seguido dos serviços (0,60%) e indústria (0,34%).

Gráfico 2 - Variação (%) do PIB Real (Setorial) - 2020 a 2023.



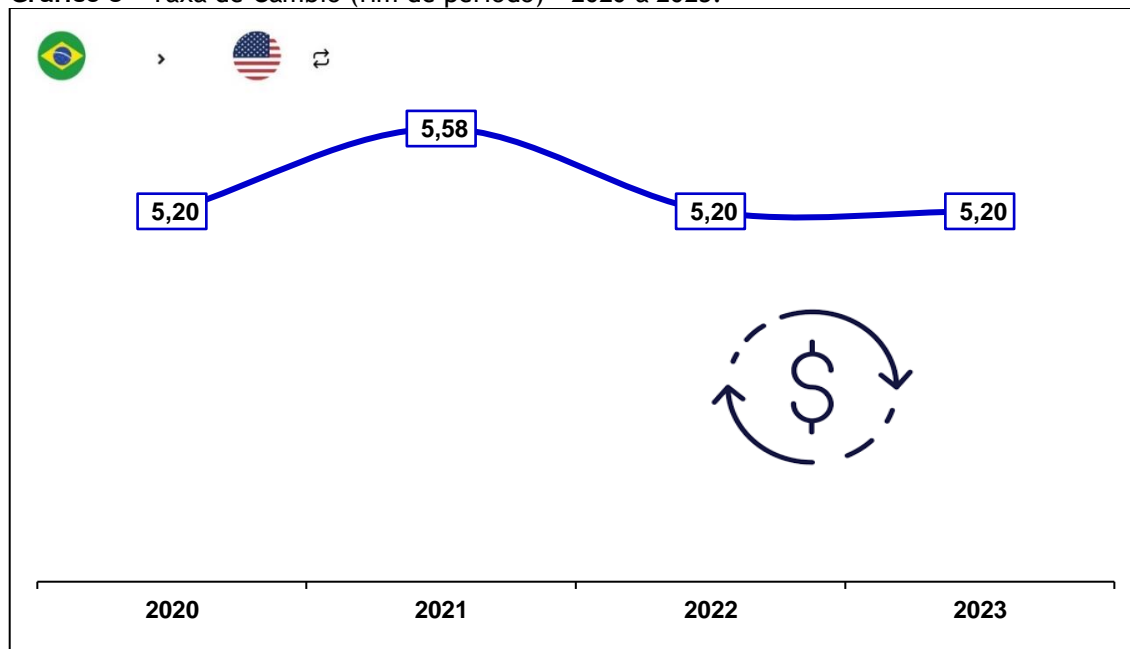
Fonte: IBGE e Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

De acordo com os dados do Gráfico 3, as projeções do câmbio se mantiveram estáveis para 2022 e 2023 em R\$ 5,20. O Conflito entre Rússia e Ucrânia ainda vem levando riscos e insegurança mediante ao abastecimento de produtos de necessidade básica como gás e alimentos aos países da Europa. No cenário brasileiro, o resultado das eleições pode criar alteração da classificação de risco do país, o que levaria a uma queda na classificação do risco,

podendo causar fuga de capital no país e um aumento do câmbio.

A alta observada na força do dólar global, somado a abertura da curva de juros internacional e queda nos preços das commodities tem contribuído como vetores negativos para o Real. Por outro lado, o elevado diferencial de juros e a resiliência da atividade econômica tem beneficiado a moeda local.

Gráfico 3 - Taxa de Câmbio (fim de período) - 2020 a 2023.

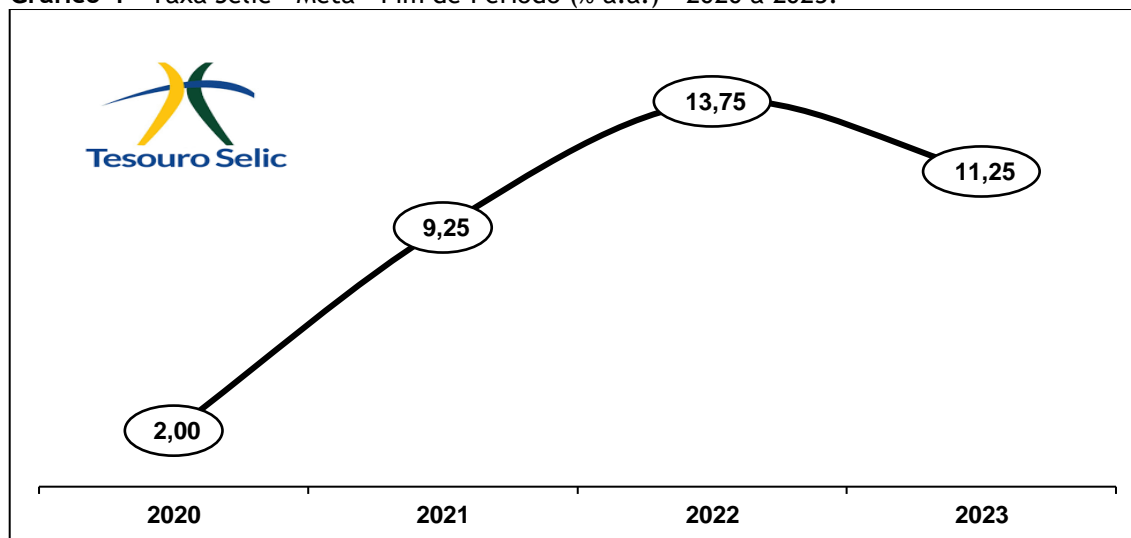


Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Mediante os dados apresentados no Gráfico 4, nota-se uma tendência de estabilização da curva de juros para 2022, no qual demonstra um controle da pressão inflacionária dado o decréscimo observado do IPCA nos últimos meses, indicando assim, que o ciclo de política monetária contracionista, iniciado há um ano e meio pelo Banco Central do Brasil (BCB), parece já ter chegado ao fim, sendo que a discussão agora passa a se concentrar em quando o BCB poderá iniciar a transição para uma redução da taxa Selic.

Portanto, para 2023 a expectativa é que esta transição possa ser iniciada em decorrência das projeções inflacionárias que demonstram uma queda. Além disso, o cenário mundial tende a se manter com um ciclo monetário contracionista, em decorrência da alta inflação tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Posto isto, a China sinaliza uma reversão das políticas fiscais expansionistas devido à crise imobiliária e a necessidade de combater a inflação. Conseqüentemente, as projeções de crescimento no mundo têm se reduzido de forma substancial.

Gráfico 4 - Taxa Selic - Meta - Fim de Período (% a.a.) - 2020 a 2023.

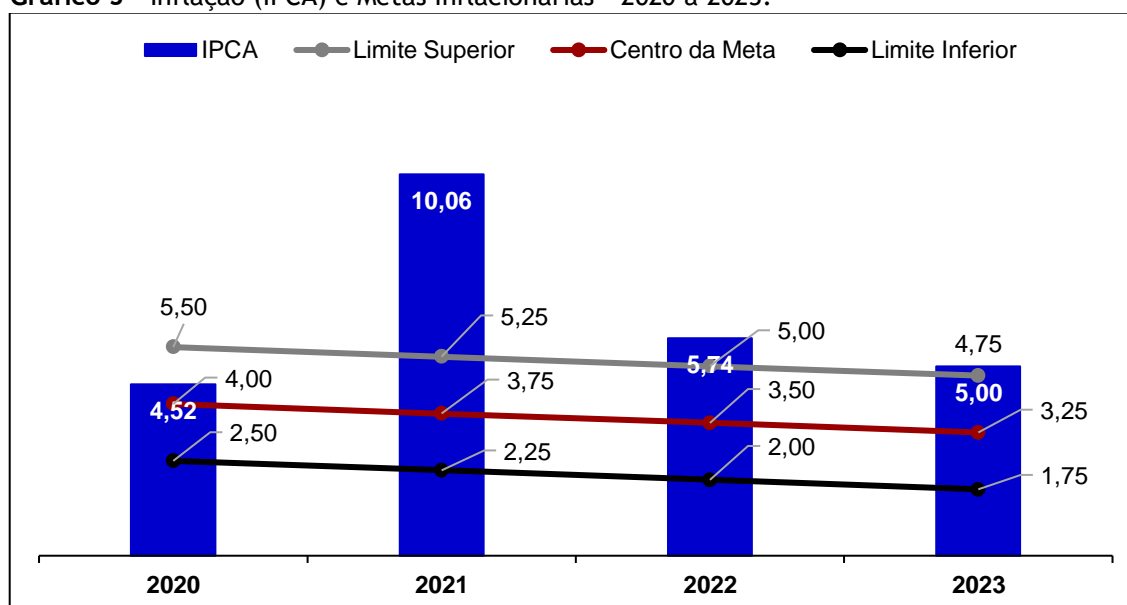


Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

De acordo com o Gráfico 5 verifica-se que após o IPCA ter atingido uma inflação de 4,52% em 2020, ficando muito próximo da meta estabelecida pelo Banco Central do Brasil (BCB) de 4,0% para o mesmo ano, houve um forte aumento da inflação em 2021, atingindo um patamar de 10,06%, decorrente do aquecimento da demanda, após o avanço do processo de vacinação, no qual permitiu a redução das restrições sanitárias e consequentemente o aumento do funcionamento das atividades econômicas.

Para o ano de 2022, a previsão para a inflação medida pelo IPCA é de um aumento de 5,74%, acima da meta de 3,5% e do limite superior de 5,0%, mas ainda assim bastante inferior ao valor registrado em 2021. Esta redução é resultado da política monetária restritiva de aumento da taxa de juros SELIC, com trajetória de alta iniciada em 2021 e que deve permanecer em patamares elevados ainda em 2023. Acrescenta-se que, embora a previsão para o ano de 2023 seja de 5,0%, tem-se que o índice IPCA continua acima do limite superior de 4,75% estabelecido pelo BCB, sendo ainda necessário a manutenção da política monetária restritiva.

Gráfico 5 - Inflação (IPCA) e Metas Inflacionárias - 2020 a 2023.

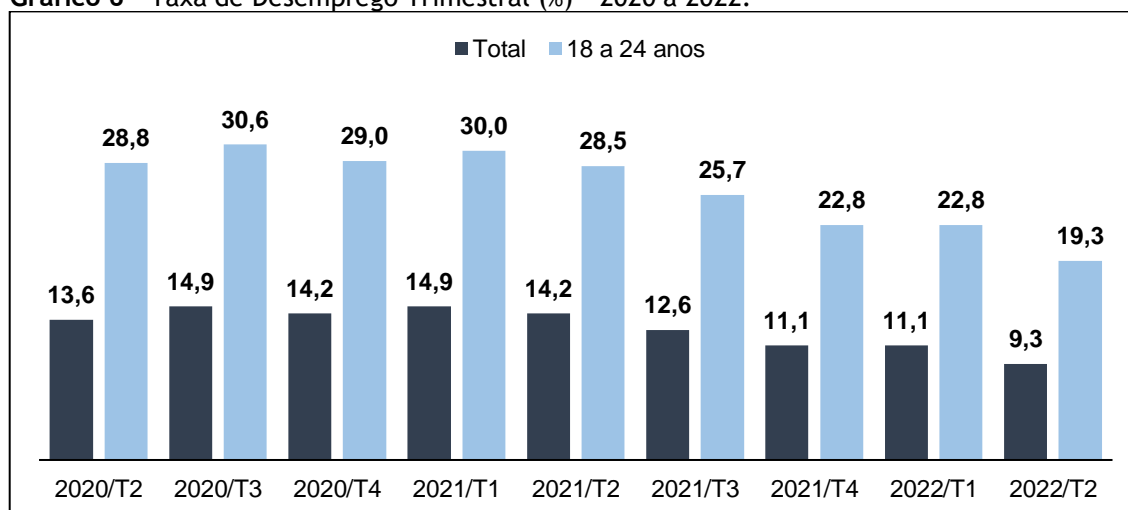


Fonte: IBGE e Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE) (Gráfico 6), a taxa de desemprego apresenta um movimento decrescente no qual se inicia no primeiro trimestre de 2021 (14,9%), e se estende até o segundo trimestre de 2022 (9,3%). A queda ocorre em um cenário de início da vacinação contra o COVID-19 e a redução das restrições sanitárias, porém com problemas macroeconômicos relacionados a alta da taxa SELIC e do IPCA. O terceiro trimestre de 2020 e o primeiro trimestre de 2021, destacam-se pelos maiores números da taxa de desemprego (14,9%) da série analisada, decorrente dos efeitos negativos causado pela pandemia de COVID-19.

Ao observar a taxa de desemprego entre a faixa etária de 18 a 24 anos é possível notar a correlação com a taxa de desemprego total em um sentido convergente, esse movimento ocorre devido ao alto percentual de desempregados entre os jovens, apresentado números um pouco superiores que o dobro do total, dando a eles o maior peso na oscilação da taxa de desemprego total. Sua maior taxa de desemprego se deu no terceiro trimestre de 2020 (30,6%), seguindo com taxas decrescentes do primeiro trimestre de 2021 (30,0%) até o segundo trimestre de 2022 (19,3%), onde a taxa chegou a seu menor valor em relação à série apresentada.

Gráfico 6 - Taxa de Desemprego Trimestral (%) - 2020 a 2022.

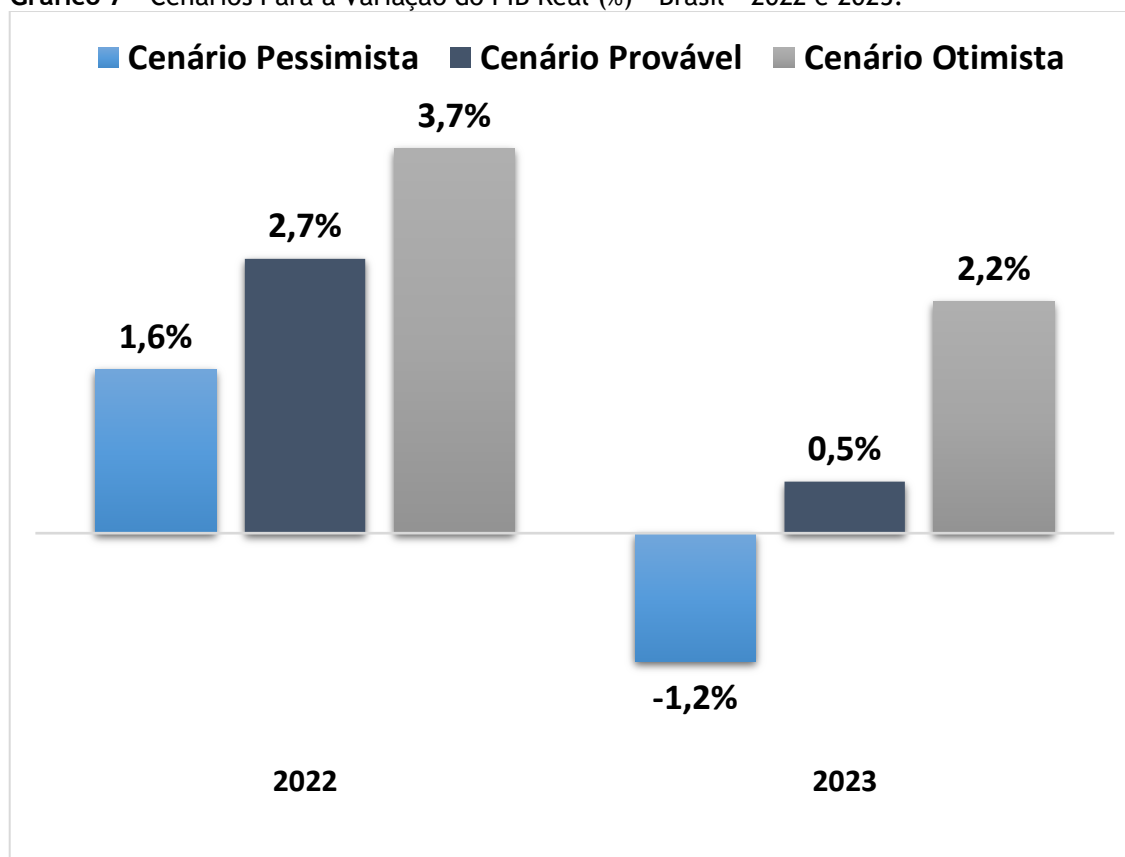


Fonte: IBGE-PNAD. Elaboração: Nupe/Unifor.

O PIB brasileiro no ano de 2022 vem sendo impactado pela atual política monetária contracionista de aumento da taxa SELIC para reduzir a alta inflacionária, o que desestimula o consumo das famílias e o investimento das empresas. Outro fator que vem influenciando o atual cenário econômico é a manutenção da guerra Rússia x Ucrânia, no qual vem impactando positivamente a balança comercial brasileira, via exportações brasileiras a partir do aumento internacional da demanda por *commodities* de alimentos, mas também afetando negativamente a economia brasileira via aumento da inflação mundial, o que aumenta as incertezas nas decisões de investimentos externos no Brasil.

Dado o comportamento conjuntural da economia brasileira recente, bem como as previsões de agregados macroeconômicos apresentados neste documento, o Nupe elaborou previsões para o PIB brasileiro, para os anos de 2022 e 2023, em três possíveis cenários (Gráfico 7). A economia do Brasil, para o cenário provável, registrará crescimentos de 2,7% e 0,5%, respectivamente para os anos de 2022 e 2023. No cenário pessimista espera-se crescimento de 1,6% e retração de 1,2%, respectivamente para 2022 e 2023, enquanto para o cenário otimista espera-se expansões de 3,7% e 2,2%, em 2022 e 2023, respectivamente.

Gráfico 7 - Cenários Para a Variação do PIB Real (%) - Brasil - 2022 e 2023.



Fonte: Relatório Focus - Banco Central / Expectativas de Mercado. Elaboração: Nupe/Unifor.

CENÁRIO LOCAL

No segundo trimestre de 2022 em comparação com o mesmo período de 2021, a economia cearense apresentou um crescimento de 3,38% (Tabela 1). No acumulado do ano, referente a variação do primeiro semestre de 2022, com relação ao mesmo período de 2021, a economia do Ceará registrou um acréscimo de 2,89%, enquanto no acumulado dos últimos quatro trimestres, registrou-se uma expansão de 3,10%.

Na análise dos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, comparando o segundo trimestre de 2022 em relação ao mesmo período de 2021, os destaques positivos foram os setores da agropecuária (6,08%) e serviços (3,75%), puxado pelas atividades de alojamento e alimentação (24,36%), transportes (15,06%) e outros serviços (13,40%), por outro lado a Indústria registrou uma retração de 1,61%, onde a construção civil (4,84%) foi a única atividade industrial que apresentou crescimento.

Tabela 1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 1º Trim. 2021 a 1º Trim. 2022(*).

Setores e Atividades	2º Trim. 2021 (**)	3º Trim. 2021 (**)	4º Trim. 2021 (**)	1º Trim. 2021 (**)	2º Trim. 2022 (**)	Acumulado no Ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-6,66	-8,06	-0,55	-0,95	6,08	4,72	-0,81
Indústria	47,47	8,41	0,31	-8,64	-1,61	-5,21	-0,21
Extrativa Mineral	8,87	-18,68	-18,29	-3,80	-2,92	-3,35	-12,03
Transformação	62,35	-4,33	-10,69	-14,08	-0,78	-7,61	-7,53
Construção Civil	37,47	6,41	12,12	15,40	4,84	10,00	9,58
Eletricidade, Gás e Água	37,32	49,33	12,01	-22,32	-14,44	-18,74	4,89
Serviços	15,77	5,35	4,18	4,45	3,75	4,29	3,96
Comércio	38,32	1,09	2,05	9,58	3,50	6,39	3,11
Alojamento e Alimentação	-4,11	1,26	-2,64	12,56	24,36	18,28	13,68
Transportes	21,96	14,16	10,85	11,22	15,06	13,21	13,15
Intermediação Financeira	18,49	4,74	3,32	1,54	3,15	2,58	2,92
Administração Pública	6,96	8,49	6,65	1,47	-0,71	0,71	2,32
Outros Serviços	0,36	3,13	2,29	8,90	13,40	11,13	8,87
Valor Adicionado (VA)	18,27	4,78	3,38	1,77	3,20	2,72	3,00
PIB	18,14	4,85	3,44	1,96	3,38	2,89	3,10

Fonte: IPECE e IBGE.

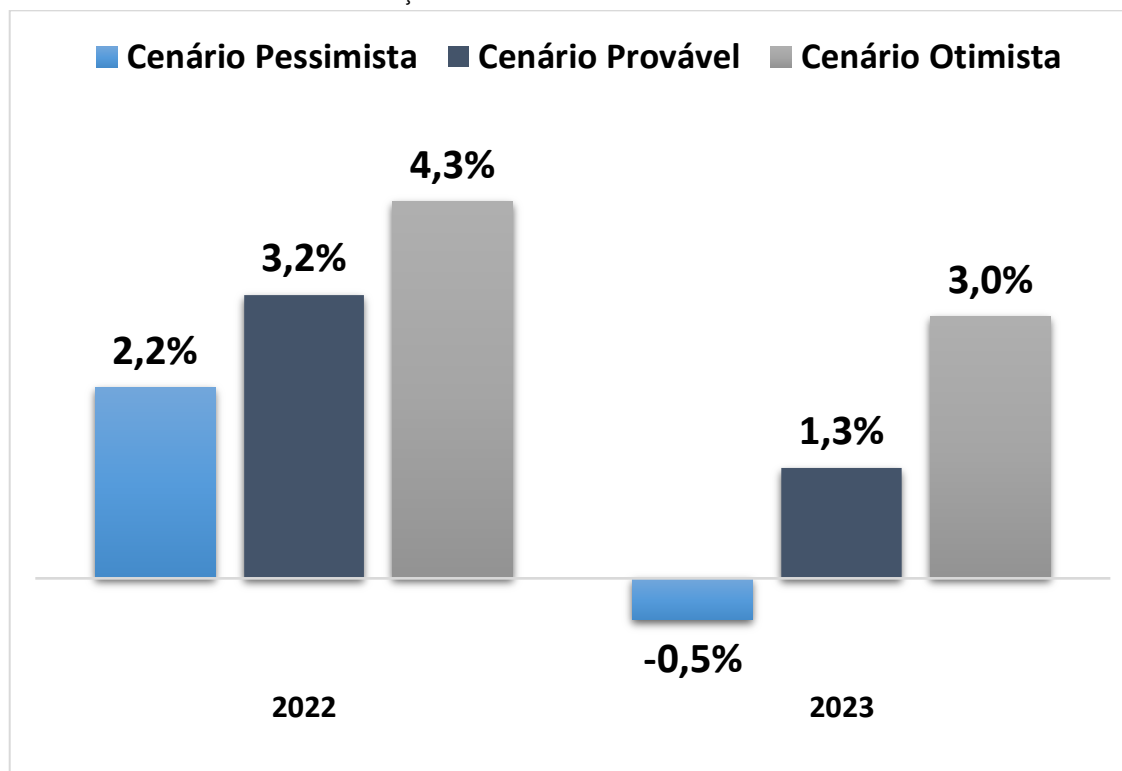
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

De acordo com o comportamento do PIB do Ceará e de sua relação com o PIB do Brasil, bem como as análises conjunturais e os cenários apresentados neste documento, o Nupe elaborou previsões para o PIB cearense para os anos de 2022 e 2023, em três possíveis cenários (Gráfico 8). A economia cearense, para o cenário provável, registrará crescimentos de 3,2% e 1,3%, respectivamente para os anos de 2022 e 2023. Já no cenário pessimista espera-se um crescimento de 2,2%, para 2022, e retração de 0,5% para 2023, enquanto para o cenário otimista, espera-se um aumento de 4,3% em 2022, e um crescimento de 3,0% em 2023.

Gráfico 8 - Cenários Para a Variação do PIB Real - Ceará - 2022 e 2023.



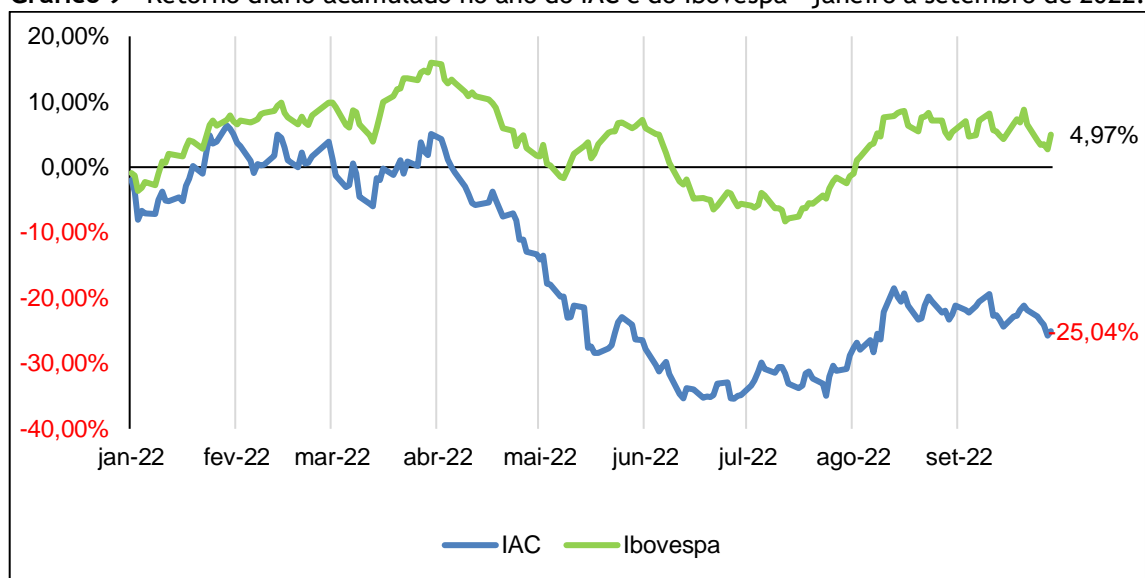
Fonte: IPECE e NUPE. Elaboração: Nupe/Unifor.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 9, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, encerrou o mês de setembro de 2022 com uma queda no retorno acumulado diário de 25,04%. O índice Ibovespa, que é o indicador do desempenho médio das cotações das ações negociadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), finalizou o mês de setembro de 2022 com uma alta no retorno acumulado diário de 4,97%.

É possível observar que há um aprofundamento na disparidade entre Ibovespa e IAC com uma diferença de quase 30 pontos percentuais entre ambos. Levando em consideração os últimos 6 meses, observa-se uma grande diferença entre os resultados do IAC, onde no dia 30 de março o IAC era positivo com um resultado de 2,39% e no dia 30 de setembro apresentando um resultado de -25,04%, já a Ibovespa no mesmo período registrava 14,73% e 4,97%, logo ambas em tendência de queda, contudo o IAC registrando uma queda acentuada.

Gráfico 9 - Retorno diário acumulado no ano do IAC e do Ibovespa - janeiro a setembro de 2022.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Conforme a Tabela 2, dentre as ações que compõe o índice IAC, as empresas que registraram retorno mensal positivo em setembro de 2022 foram a Pague Menos (PGMN3) (10,61%), M. Dias Branco (MDIA3) (3,64%), Companhia Energética do Ceará (COCE5) (1,11%) e Hapvida (HAPV3) (3,98%). Já no acumulado do ano, apenas M. Dias Branco (MDIA3) (71,87%) e Banco do Nordeste (BNBR3) (2,82%) apresentaram retornos positivos.

O ano de 2022 vem registrando muitas incertezas geradas por fatos econômicos e políticos como a inflação global, a guerra Rússia x Ucrânia e as eleições presidenciais no Brasil, afetando negativamente o comportamento acionário da maioria das empresas cearenses que integram o IAC.

Tabela 2 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC - setembro de 2022.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulado no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	0,47% ▲	4,98% ▲	-0,85% ▼	-
IAC	-2,25% ▼	-25,04% ▼	-37,21% ▼	-
BNBR3	-10,18% ▼	2,82% ▲	2,05% ▲	7,51%
COCE3	-2,07% ▼	-2,07% ▼	2,11% ▲	5,30%
COCE5	1,11% ▲	-21,67% ▼	-13,65% ▼	4,05%
GRND3	-7,46% ▼	-18,27% ▼	-17,60% ▼	8,35%
MDIA3	3,64% ▲	71,87% ▲	41,55% ▲	14,32%
HAPV3	3,98% ▲	-27,07% ▼	-34,40% ▼	37,41%
ARCE	-16,62% ▼	-51,47% ▼	-39,37% ▼	16,36%
PGMN3	10,61% ▲	-39,79% ▼	-40,36% ▼	3,27%
AERI3	-13,36% ▼	-69,31% ▼	-74,49% ▼	2,06%
BRIT3	-12,03% ▼	-38,23% ▼	-60,44% ▼	1,37%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 30 de setembro de 2022.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Eric Juca da Silva
Jaylla Maria Saldanha da Silva
José Henrique de Castro
Lucas Nery Albuquerque Aguiar
Marcos Vinicius Moura Coelho
Matheus Luis Ribeiro Coimbra
Matheus Soeiro de Holanda Romero Fialho
Pedro Couto de Faria
Tercio Castro Teles
Washington Luis F dos Santos Júnior
Yuri Antonov Lozer Maciel



**Universidade
de Fortaleza**

